

## A Ação Católica na Cultura Intelectual Brasileira: o caso do Cristo Redentor (1921-1931)

THIAGO LENINE TITO TOLENTINO\*

Esta comunicação insere-se no projeto geral que venho desenvolvendo a partir da minha tese de doutorado “Do ceticismo aos extremos: cultura intelectual brasileira nos escritos de Tristão de Athayde (1916-1928)”. Nesse sentido, procura-se operar uma revisão geral de várias temáticas referentes à história da Primeira República brasileira. Alguns eixos gerais do projeto giram em torno da história das sensibilidades, da circulação de saberes, história global, das transferências culturais e, notadamente, da formação de identidades a partir da produção midiática, especialmente os jornais e impressos em geral. A cultura intelectual brasileira é, na verdade, a cultura do jornal.

A consolidação de um estado republicano no Brasil teve, em seus princípios, um relativo esforço de afastamento da cultura intelectual em relação às visões de mundo religiosas. Supostamente, segundo os preceitos de Augusto Comte, um Estado positivo deveria sobrevir aos ultrapassados estados teológicos e metafísicos, o questionamento da religião era algo que, logicamente, deveria tornar-se recorrente no estado republicano. Se, de fato, a história não é tão simples, não obstante, podemos assinalar alguns processos conjuntos que nos informam sobre as modificações que marcaram a cultura intelectual brasileira em sua sensibilidade religiosa no decorrer da história da Primeira República. Neste sentido, destacam-se dois âmbitos largos: o primeiro que diria respeito à produção laica, por assim dizer, da cultura intelectual, abrigando aí manifestações variadas, podendo agregar desde escritores, cientistas, literatos até publicitários, artistas, chargistas, cronistas etc.; já o segundo diria respeito às próprias modificações que ocorreram no interior do clero e do laicato católico que, tendo de enfrentar o estado de coisas republicano, agiu de maneira variadíssima na construção da

---

\* Bolsista PNPd . Universidade Federal de Sergipe (UFS)

sua nova visão de mundo frente às condições culturais, sociais e políticas promovidas tanto por agentes nacionais quanto por conjunturas internacionais.

Após a Primeira Guerra Mundial, várias mudanças ocorrem nas sensibilidades da cultura intelectual brasileira. De fato, o regime republicano liberal que parecia significar uma espécie de fim da história do desenvolvimento da liberdade e dos direitos políticos do mundo moderno, passa a ser visto como um fracasso que levava a uma guerra nunca antes vista. A revolução russa e a ascensão do fascismo italiano despontam como formas de superação do regime republicano liberal e, nesse processo, as visões de mundo religiosas e até mesmo místicas passam a ganhar espaço frente a uma razão que parecia apenas ter levado à catástrofe da guerra. No campo religioso, e especificamente no mundo católico, assiste-se a uma reação da Igreja brasileira que procura na formação de seminários, de dioceses em todos os estados, da “importação” de vários clérigos oriundos de diversos países europeus, a consolidação do catolicismo como parte fundamental da realidade brasileira. Conforme afirma Sérgio Miceli:

*Em 1890, havia no Brasil 9 seminários maiores (8 seculares e 1 regular), dois deles fundados no século XVIII, o dos jesuítas em Belém (1751) e o de São José na cidade do Rio de Janeiro (1739), entregue aos lazaristas em 1866, os demais tendo sido abertos quase todos durante a primeira metade do século passado nas cidades-sedes de dioceses, a maioria deles as cuidados dos lazaristas que, chegados dos jesuítas no trabalho de formação sacerdotal, em meio à crise profunda causada pela expulsão da Companhia de Jesus em meados do século XIX. Já em 1927, contando com o apoio do Vaticano, particularmente disposto a suprir as deficiências de pessoal eclesiástico especializado, e com os incentivos à vinda de lazaristas e ao retorno dos jesuítas, a situação das casas de formação havia se alterado positivamente, havendo então 15 seminários maiores e cerca de 30 menores em funcionamento no país. A reabertura de conventos, mosteiros e outras residências das ordens religiosas, também ocorreu para intensificar o recrutamento e a formação de uma nova geração de quadros para o clero (BARROS, 1985: 50).*

Sob a orientação de D Sebastião Leme, a Igreja católica brasileira propõe uma série de ações a fim de realizar uma “recatolização” do país. Na verdade, na visão de D

Leme, arcebispo de Olinda e Recife e, depois da cidade do Rio de Janeiro, o Brasil sequer seria um país católico, uma vez que a população não cumpriria com as práticas religiosas em sua forma ortodoxa. Uma das mais importantes características da reação católica na Primeira República foi sua atuação contundente no recrutamento de intelectuais e na sua atuação na imprensa. A formação do Centro Dom Vital e de sua revista *A Ordem*, no início dos anos 1920, são concretizações desse processo. Também em outros países, como a França, fala-se em uma verdadeira era dos convertidos (GUGELOT, 2002), revelando uma circulação do engajamento religioso que parecia caracterizar uma nova sensibilidade dentre os intelectuais que, até então, em geral, eram bastante céticos quanto a qualquer atuação religiosa mais significativa. No caso do Brasil, o escritor Jackson de Figueiredo se destacou como um feroz defensor dos valores católicos na imprensa periódica. A conversão do crítico literário Tristão de Athayde, em 1928, ao catolicismo e, após a morte de Jackson de Figueiredo no mesmo ano, o seu aceite para a direção do Centro dom Vital e da revista *A Ordem*, são marcos importantes para se perceber a consolidação de uma retomada católica no interior da primeira República brasileira.

Nesse sentido, a construção do Cristo Redentor na capital nacional, Rio de Janeiro, deve ser vista como um marco de um processo maior da ação católica no país. Não por acaso, em novembro 1927, era lançada a “Ação Católica”, conforme não poderia deixar de ser no interior da cultura intelectual brasileira, como uma coluna no periódico carioca e de circulação nacional, *O Jornal*, trazia a imagem estampada da maquete do Cristo já em sua forma final, mas lembrava que, àquela altura, a obra achava-se apenas iniciada. Tal condição da construção em meados dos anos 1920 não deixa de ser surpreendente, uma vez que a proposta de criação do monumento vinha desde o início da mesma década. Na verdade, segundo alguns relatos da época, tal ideia existira já no início da República no Brasil, por volta de 1905, porém não se apresentam maiores informações a respeito. De qualquer forma, o monumento ao Cristo vinha na onda de celebrações que ocorreram por ocasião do Centenário da Independência do Brasil. A sua inspiração teria se baseado em obra similar existente em países vizinhos:

*Entre os monumentos mais célebres do Redentor, como símbolo da Paz e Fraternidade, reproduzimos na gravura acima, o de Cristo, na Cordilheira, dos Andes. Foi inaugurado em 1904, por iniciativa do bispo Benavente, que angariou os donativos de católicos chilenos e argentinos, tendo os governos respectivos concorrido em grandes somas para o monumento (O MONUMENTO, 1921: 3).*

No ano de 1921, o Círculo Católico reunira-se, sob a presidência do Conde Afonso Celso, a fim de tratar da construção do monumento. Dentre as medidas formais, consagrou-se a princesa Isabel como a presidente honorária da comissão do “Monumento a Jesus Cristo Redentor”. A princesa respondera à comissão:

*Muito reconhecida à distinção da assembleia encarregada criação monumento Cristo, Centenário Independência de nossa querida pátria, a qual me aclamou. Mesmo Senhor peço de todo o coração abençoe todos o que se dedicarem a tal ato de Deus – Isabel (UM TELEGRAMA, 1921: 2) .*

Se formalmente tudo parecia estar encaminhado, em quase todas as questões a coisa foi bem mais complicada. A começar pelo local. Falou-se muito se o monumento deveria ser erigido no Pão de Açúcar ou no Corcovado. Em uma das produções mais interessantes da cultura intelectual, as seções de apedidos, nas quais diversas pessoas poderiam ter artigos publicados em jornais de grande circulação, assim se expressa um anônimo:

*No Rio, felizmente, se costuma de quando ter ideias que escapam às tormentas do interesse imediato que turbilhonam em nosso meio. A essas ideias sãs que tonificam o organismo nacional se vem juntar a que ora se discute, pela iniciativa do Círculo Católico, sobre a colocação da Cruz simbólica ou do Cristo Redentor, no ápice do Pão de Açúcar. A ideia da Cruz, aliás, partiu da “A Noite”, que, em m de seus “ecos”, lançou a boa semente que tão cedo germinou. Aconteceu, porém, que o Círculo Católico acabou por deliberar, em uma das suas últimas reuniões, que a Cruz simbólica venha a ser colocada no alto do Corcovado, e já não mais no Pão de Açúcar. Há uma infinidade de argumentos contrários a essa deliberação e, entre eles, são de vulto, em primeiro lugar, o que encontra base no elemento histórico: de fato, em 1567, Estácio de Sá, segundo alguns historiadores, cuja opinião foi aceita oficialmente, apesar das contestações*

*aparecidas, fundou a cidade de S Sebastião do Rio de Janeiro entre o Pão de Açúcar e o morro Cara de Cão, onde se encontra um marco comemorativo, mandado erguer pelo saudoso Vieira Fazenda. Por aí, já o Pão de Açúcar surge como o local mais próprio à iniciativa do Centro Católico. Em segundo lugar, a circunstância de que a direção da Corcovado é da Light, ela própria e a Light é sabidamente protestante, não pode deixar de influir sobre a última decisão do círculo Católico, tanto mais quanto se acha entregue à administração de um católico o morro Pão de Açúcar, e esse católico é o coronel Cardoso mordomo da igreja da Misericórdia. E o Pão de Açúcar, atalaia natural da nossa esplêndida barra, pela sua situação topográfica, reclama o monumento comemorativo, que a Cruz – símbolo da Fé – vai perpetuar (APEDIDOS, 1921: 3).*

A passagem revela uma série de questões: primeiramente, não se sabia ao certo o que seria o monumento: uma cruz, uma estátua ou outro símbolo religioso. Além disso, aparece a argumentação que reivindica um sentido histórico na escolha do local do monumento e, por último, uma clara questão religiosa referente aos “interesses” protestantes no Rio de Janeiro. À medida que a notícia da construção do monumento vai tomando as páginas dos jornais as discussões aumentam e várias questões vêm à tona. Os católicos publicam uma série de notas que noticiavam os apoios de bispos, prelaças, dioceses, padres, etc. que se empenhariam por todo país a dar suporte à causa. A questão acerca da localidade, porém, continuava. Alguns eram veementemente contra a escolha do Corcovado, uma vez que ali o monumento se tornaria uma “simples cruz” fincada “no píncaro do Corcovado, longínqua e invisível” (O MONUMENTO [2], 1921: 3).

Com a primeira maquete do monumento, porém, a ideia de uma cruz parece ir ficando para trás. A estátua moldada por Heitor da Silva da Costa era bastante diversa daquela que acabou por se tornar o monumento que hoje se conhece e aproximava-se mais do monumento andino. Apresentada a imagem no jornal (reproduzida abaixo), assim era destacado o seu sentido:

*O projeto organizado pelo arquiteto Heitor da Silva Costa é de uma grande simplicidade, o que em nada lhe prejudica o valor. Procurou seu autor, como objetivo primacial, tornar possível a uma simples inspeção apreender a*

*intenção do artista que o concebeu. Cristo aparece com os seus atributos indispensáveis – a cruz e o globo terrestre, o que vale dizer: “Jesus, vitorioso da cruz e senhor do mundo”! A ideia é original e tem diferenciações radicais de todas as existentes. A profusão de luzes, distribuídas com grande felicidade, e gênio artístico, dará extraordinário relevo ao monumento, que o seu bem inspirado autor entende deve ser colocado no pico do Corcovado, precisamente no ponto onde se encontra o pavilhão atual, que sem nenhuma desvantagem poderá ser removido para um sítio pouco abaixo. O trabalho do sr Silva Costa é de alta valia sob o ponto de vista da concepção artística e vem fortalecer o justo renome de que já goza o arquiteto patricio (O MONUMENTO [3], 1921: 3)*



Na discussão acerca do local do monumento, a opinião corrente parecia ser a de que o Corcovado era a pior opção, conforme um apedido que faz um trocadilho em sua assinatura:

*Na carta que o Cardeal Arcoverde escreveu à comissão do monumento a Cristo Redentor não fala em Corcovado. Se ele não falou é porque aceitou a primeira ideia – o Pão de Açúcar. Mas os hominhos do Centro Católico embirraram. Eles é que resolvem o caso. Se assim é eles que paguem para a música. Muito pode o protestantismo da Light. No Corcovado o monumento ficará exposto às moscas e só poderá ser visto por um*  
OCULO (OCULO, 192: 6)

A nota acerca da preferência pelo Pão de Açúcar era reiterada e não era desprovida de certo humor:

*Os positivistas da rua Benjamin Constant, os Mendes e os Bagueiras, querem levantar no Pão de Açúcar uma grande estátua à Clotilde de Vou. Aí está o que arranjam os católicos. Tiveram a ideia de colocar um monumento no alto daquela montanha e os “positivos”, de ideias sempre “negativas”, aproveitaram a cisão entre os católicos quanto à escolha do local para a homenagem ao Cristo Redentor e resolveram plantar lá a Clotilde de Vou. Pois podem ir para onde lhes aprouver, menos para o Pão de Açúcar, que o lugar já está tomado... (ROMANOD, 1921: 6)*

Em seu sentido burocrático, já em 1921, o ministro da Fazenda, Homero Batista, autorizara a colocação do monumento no Corcovado (O MONUMENTO [4], 1921). Porém, assim que a notícia foi promulgada, questionamentos foram feitos e, então, noticiou-se que:

*Reconsiderando o seu despacho anterior, o ministro da Fazenda, depois de ouvir, o consultor geral da República, resolveu negar autorização para o Comitê do Cristo Redentor faça do Cristo Redentor, por ocasião do Centenário da nossa Independência. Na opinião do consultor aludido, o deferimento do pedido vão de encontro à nossa constituição, por isso que importa, na concessão de um favor do Estado em benefício de uma igreja (NÃO, 1921: 4).*

O tema do monumento, assim, atingiria a própria laicidade do Estado republicano. alguns meses depois, o próprio ministro reviu sua decisão, desta vez de maneira definitiva e considerou:

*Para decidir os casos que entendem com o culto religioso, deparam-se à administração razões plausíveis no critério liberal que induz o respeito a todos os credos. Assim, porque considerado fosse apenas do ponto de vista administrativo, teve o pedido deferimento. Levantada a dúvida de ordem constitucional e ouvido o consultor geral que a sustentou, visto importar o deferimento na concessão de um favor do Estado em benefício de uma igreja, reconsiderado foi o despacho para negar-se a autorização. Em face, agora, dos dez pareceres concludentes oferecidos, concordes em que a autorização não infringe dispositivo, resolve, em definitivo, concedê-la, sem caráter algum de exclusividade. Fica, assim mantido o meu primeiro despacho (MONUMENTO [5], 1922: 3).*

Assim, em 4 de outubro de 1922, lançava-se a pedra fundamental, no Corcovado, pelo Cardeal Arcoverde, do monumento ao Cristo Redentor. A Câmara do Rio de Janeiro, na mesma época, começara a realizar projetos de lei para o custeamento parcial da obra. A Igreja, por seu turno, começa a realizar uma série de comissões, campanhas, convocando todas paróquias ao esforço de angariar fundos. As reuniões sob presidência de Dom Sebastião Leme eram noticiadas quase que cotidianamente nas páginas dos jornais, sempre buscando-se uma maior arrecadação. Uma vez aprovado um aporte de 200:00\$ pela Câmara do Rio de Janeiro, houve quem estranhara tal tipo de projeto uma vez que não haveria previsão para este tipo de gasto. Nesse sentido, o pastor protestante Álvaro Reis criticava a maneira como estaria sendo financiado o monumento: “Não será ultra-ridículo – velados e riquíssimo inimigos da República quererem extorquir dos, por propostas inconstitucionais, verbas do orçamento, quando a nação está quase às portas da bancarrota?” (REIS, 1923: 6). O debate aí segue meses a fio nas páginas dos jornais.

Em sua campanha, a Igreja produzira filmes sobre o Cristo Redentor, escrevia colunas nos jornais, escolas domésticas com o nome do Cristo e conclamava os fieis para contribuir com o monumento. Este, em dezembro de 1925, já teria uma nova feição

e noticiava-se que “o segundo modelo da estátua está em andamento em Paris, sabendo-se constituir obra de grande beleza artística. Esse modelo será entregue em maio próximo” (O MONUMENTO [6], 1925: 4). A construção modelo agora ficaria a cargo de Heitor da Silva Costa, agora nomeado como engenheiro, e do professor Paul Landowski. Em 1927, no lançamento da coluna de jornal Ação Católica, a imagem do Cristo (reproduzida abaixo) já era apresentada em sua forma final.



A construção do Cristo Redentor, que será finalizada apenas em 1931, é um marco da reação católica no interior do regime republicano brasileiro. Mais do que a afirmação de uma religião, os esforços católicos renderam à Igreja um lugar dominante na sociedade brasileira. A própria reflexão dos católicos encaminhará-se agora para uma ideia de “catolicismo integral”, como diziam à época, ou seja, pretendia-se a catolicização de todas as esferas da vida social, cultural e política. Conforme dissera Sebastião Leme, na ocasião do lançamento da Ação Católica:

*Quando em qualquer momento da existência – é de d Sebastião Leme a resposta – como católico e como cidadão, em sua vida privada ou pública, pode ele, em suas livres atividades, achar ou aceitar a solução cristã de todos os problemas que se lhe apresentarem. Sem excetuar o problema*

*político. [...] No domínio intelectual, os nossos esforços se orientarão no sentido de iluminar as bases das nossas crenças, mostrando a Fé como uma homenagem à Inteligência Infinita, e que não há incompatibilidade entre a religião e a ciência, raios de um mesmo sol. Cremos, por termos motivos racionais para crer – eis uma convicção que levaremos a todos. [...] Na esfera social, quanta energia nos é preciso despender? Não é aí, onde se concentram, agora, as forças capazes de luta? O problema máximo de hoje é caráter social. O fator econômico adquiriu tal prevalência, nos nossos dias, que até parece ter mudado a fisionomia de todos os outros valores, dando aparências de verdade à ideologia do autor do Kapital. O mundo atravessa uma aguda crise social. O individualismo da escola liberal atirou o homem aos paroxismos da mais negra miséria. O materialismo histórico de Marx abriu a falência, após a dolorosa experiência da Rússia. Onde encontrar a solução da incógnita inquietadora? No retorno à moral do Evangelho, única capaz de despertar nas consciências, o sentimento de solidariedade humana, hoje em dia obliterado, única capaz de levar à inteligência do proprietário a convicção da função social da riqueza. Para tanto, é de mister nos apoderarmos do sentido profundo da palavra de Cristo: “Misericordiam super turbam, - constringe-se-me o coração de dar ao ver esta gente sem pão...” (LEME, 1927: 11)*

Assim, a construção do monumento do Cristo Redentor simboliza a vitória de tais visões de mundo. O frágil estado laico da Primeira República abria espaços cada vez maiores à precedência da religião nos mais amplos aspectos da vida comum.

#### Bibliografia:

A PEDIDOS, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10 mai. 1921, p 3.

BARROS, Sérgio Miceli Pessoa de. *A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)*. Tese Livre docência, Unicamp, Campinas, 1985.

GUGELOT, Frédéric. Les temps de des convertis, signe et trace de la modernité religieuse au début du XX<sup>e</sup> siècle. *Archives de sciences sociales des religions* [en ligne], 119 | juillet – septembre 2002.

LEME, Sebastião. A Ação Católica, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1927, p. 11.

NÃO será mais erigida no Corcovado a imagem do Cristo Redentor, *O Jornal*, Rio De Janeiro, 26 out. 1921, p 4.

O MONUMENTO [2] a Cristo Redentor no alto do Pão de Açúcar, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 mai. 1921, p 6.

O MONUMENTO [3] a Cristo Redentor, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 mai. 1921, p 3.

O MONUMENTO [4] a Cristo Redentor, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 6 out. 1921, p 2.

O MONUMENTO [5] a Cristo Redentor, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 2 jun. 1922, p 3.

O MONUMENTO [6] a Cristo Redentor, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1925, p. 4.

O MONUMENTO a Cristo Redentor, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1921, p 3.

OCULO, O monumento a Cristo Redentor, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 mai. 1921, p. 6.

REIS, Álvaro. O Cristo no Corcovado, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 set. 1923, p. 6.

ROMANOD. Clotilde no Pão de Açúcar, *O Jornal*, Rio De Janeiro, 14 jun. 1921, p 6.

UM TELEGRAMA da Princesa Isabel às Comissões do Monumento a Jesus Cristo Redentor, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1 mai. 1921, p. 2.